
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

RAFAELA TOLEDO

**OS (DES)CAMINHOS DO ESPAÇO E DO TEMPO
CAPTURADOS PELAS LENTES INFANTIS**

Rio Claro - SP
2022

RAFAELA TOLEDO

OS (DES)CAMINHOS DO ESPAÇO E DO TEMPO

CAPTURADOS PELAS LENTES INFANTIS

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto de
Biociências – Câmpus de Rio Claro,
da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, para
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite

Rio Claro - SP
2022

T649(	Toledo, Rafaela Os (des)caminhos do espaço e do tempo capturados pelas lentes infantis / Rafaela Toledo. -- Rio Claro, 2022 34 f. : fotos Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientador: César Donizetti Pereira Leite 1. Educação. 2. Desenvolvimento infantil. 3. Imagens fotográficas. 4. Espaço. 5. Tempo. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RAFAELA TOLEDO

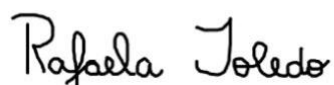
OS (DES)CAMINHOS DO ESPAÇO E DO TEMPO CAPTURADOS
PELAS LENTES INFANTIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite
Prof. Dra. Raquel Fontes Borghi
Prof. Dra. Andréia Regina de Oliveira Camargo

Aprovado em: 10 de Janeiro de 2022



Assinatura do(a) discente



Assinatura do(a) orientador(a)



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Dedico este trabalho à
minha família, amigos
queridos e ao Grupo Im@go

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós que são minhas grandes referências.

A minha querida família que sempre me apoiam e festejam cada conquista minha.

A ciência por fazer um mundo melhor, foi um prazer participar de parte de sua história.

Aos meus amigos por segurarem minha mão e por enfrentarem os desafios comigo.

Ao Grupo Im@go pelo acolhimento, pelos ensinamentos, e ensaios, pela troca de experiências da vida.

Ao César por acreditar em mim e me ter feito enxergar as potencialidades presentes em cada rachadura por aí.

A todos os meus professores da vida que tenho o orgulho de chamar agora de colegas de profissão.

“Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de ‘nós’”. (Cris Pizziment)

RESUMO

Este trabalho pretende desenvolver uma “pesquisa-experiência” a partir das pesquisas do Grupo Imago — Laboratório da Imagem Experiência e Criação, utilizando em nossas discussões a produção de imagens realizadas por crianças e professores na Educação Infantil. Ao longo das investigações, através das perspectivas cinematográficas e do campo da educação, iremos refletir sobre as relações que as crianças possuem com o tempo e o espaço, estudando então, como as narrativas infantis podem nos ajudar a compreender as práticas educativas e os desenvolvimentos infantis pelo olhar e comunicação das crianças. Diante disso, será feito um Bloco de Sensações compositivo com os territórios traçados, os deslocamentos realizados, os diferentes trajetos e as mobilizações de afetos, que compõem e demarcam nos mapas, traços tão singulares desse caminhar infantil.

Palavras-chave: infância; tempo; espaço;

ABSTRACT

The (wrong) paths of space and time captured through the children's lenses

This paper will develop an “experience-research” from a study from the Grupo Imago — Laboratório da Imagem Experiência e Criação, using in our discussion the production of images from children and teachers in children's education. Over the investigation, through the cinematography perspectives and the field of education, we will reflect about the children's relations with time and space, studying then, how children's narratives can help us understand educational practices and their development through the child's point of view and use of communication. Therefore, we will create a Pack of Feelings compositional with their territories; their movements; different routes and their affections mobilization, that make and demarcate in the maps, traits so singular of the child's growth.

Key Words: childhood, time and space.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	BLOCO DE DESABAFOS CALADOS.....	13
3	BLOCO TEMPORARIAMENTE ETERNO	17
4	BLOCO FIXO DESLOCADO.....	20
5	BLOCO DE RECORTES	24
6	BLOCO DANÇANTE.....	26
7	BLOCO DOS DESPROPÓSITOS	29
	REFERÊNCIAS	32

1.Introdução



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Ao longo dos anos os estudos sobre infância se constituíram nos fundamentos da educação (a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, a História, a Antropologia) e em suas concepções teóricas, essas abordagens muitas vezes subsidiam práticas educativas e estão presentes na construção de currículos.

Dito isso, tomaremos como referência a Psicologia do Desenvolvimento, esta que estuda as mudanças que acontecem ao longo da vida do ser humano no âmbito biológico, cognitivo, social e afetivo, uma vez que esta área contribui com a produção de demarcações temporais e espaciais, que modulam as crianças e seus corpos, firmando também campos identitários na Educação Infantil, delineados por referências, fundamentos e definições, indicando modos de como e o que fazer com a criança, pela criança e para a criança.

Desta forma, a relação da arte e do cinema com a educação, terá como ponto de partida do estudo o material coletado em pesquisas

realizadas pelo Grupo Imago

– Laboratório da Imagem Experiência e Criação, da UNESP- Campus de Rio Claro, acerca do cinema e da produção de imagens por crianças e professoras na Educação Infantil.

No decorrer dessas pesquisas, foi optado por expressar uma perspectiva metodológica que se apresente como “relatório de minorias”, das “minorias infantis” e a Pesquisa- Experiência. Entre as muitas possibilidades que estas imagens e a próprias produções nos oferecem a pensar destacamos dois elementos: dos modos de ocupação do espaço e do tempo.

Diante do exposto e a partir dos arquivos midiáticos do Grupo Imago, será apresentado nesse projeto investigativo discussões e reflexões sobre as perspectivas do tempo e dos espaços presentes nas imagens com a concepção das práticas educativas na Educação Infantil. Navegando, levantando e mapeando as imagens e filmagens marcadas pelo olhar da criança, descobrindo as temporalidades e espacialidades presentes nas imagens e em seus processos de produção, enxergando as visibilidades desses tempos e espaços e suas potencialidades.

Reitero que as citações das pesquisas realizadas anteriormente pelo grupo Imago, são necessárias para compor este projeto, pois nestes momentos do texto a referência ganha outra perspectiva, além de mencionar os respectivos autores. Para o grupo, ela se transveste com a característica de referenciar o modo singular de fazer pensar a pesquisa do referido grupo

“O campo mais efetivo dessas pesquisas [...] ganha seus contornos no campo compositivo entre as experiências que temos — experiências de pensamentos, experiências com leituras, experiências com escritas, experiências com crianças e professoras. Diante de tudo isso temos nos arriscado a chamar a própria pesquisa como ‘pesquisa-experiência’. A ideia é que as pesquisas se preocupem com as ‘experiências’ e, bem por isso, se distanciem da noção de que as investigações são compostas por ‘experimentos’, coletas de dados e análises. São caminhos a serem trilhados, pistas a percorrer, são imanes e demarcam estados de presentificação.” (LEITE; OLIVEIRA, 2019, p. 161)

Com o intuito de deixar fluir a apresentação na interface de três temáticas fundamentais presentes em estudos que têm sido desenvolvidos ao longo dos anos sobre: (1) a infância, (3) a produção de imagens por crianças e (2) a educação. Espalhei esses temas por todo o trabalho, e estará (des) organizado por 11 componentes artísticos que se interligam com as reflexões textuais, formando 7 blocos. Este “será ‘produto’ de uma multiplicidade de possibilidades que aqui vão sendo constituídas a partir das experiências de bricolagem de cada leitor e esta será algo como aquilo que

“se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos. ” (LEITE, 2021, p. 2 apud DELEUZE, 2010, p. 93)

Esses Blocos de Sensações, fluem possibilidades e caminhos outros de se relacionar, de encontrar e criar em conjunto novas experiências na medida que o texto vai provocando afetações, deslocamentos, pensamentos e reflexões sobre as temáticas apresentadas.

2. Bloco de desabafos calados



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Antes de tudo (re)começar, gostaria de dizer que esse “texto não texto” é composto por conversas, encontros, desabafos, reflexões e silêncios barulhentos que me levaram a mergulhar nesse mar de

explorações e quando voltei para a superfície meus olhos já estavam embaçados demais para voltar a trás.

Então, segui em frente com outros sentidos, sem rumo, sem ao menos saber que esse novo olhar era o encanto que me faltava e me acompanharia em tudo o que eu tocasse, “assim o pronome “eu” já se coloca como ousadia, pois na verdade “eu” não deveria aparecer. Mas é impossível!” (SANTOS, 2012, p. 10)

Embora que, durante a escrita do projeto, fui sendo podada pelo estático, pelas regras, por perguntas como: “Cadê você na pesquisa? Tem muito César!”, o que me levou a questionamentos sobre minha pesquisa, já que seguir esse modelo científico era a receita para ser aprovada, ter sucesso, era o certo a fazer. Mas o que é o correto ou o que é errado? Bom, esses cientistas não vão achar aqui análises conceituais tecnicistas, tão menos respostas simplistas para questões tão complexas.

Nesse momento não poderia ser diferente, afim de superar as sinuosidades me arrisquei e ao longo da graduação tendo encontros em algumas disciplinas, em reuniões/eventos do Grupo Imago, eu parava em movimento, a mente voava, o ouvido captava aquela voz, uma voz que ecoava outras vozes, contando histórias carregadas de experiências e vivências do eu, dos outros, dos nossos.

Sabe, a vida é um embolado de fios que se conectam em algo ou alguém e que mesmo estes estando no escuro, no esquecimento, a memória o recarregará deixando-o infinito. E nessa caminhada, o César e todas as pessoas que já passaram pelo grupo me exemplificam um trabalho parecido com o das aranhas, que vão realizando amarrações de fios de seda/experiências criando teias com múltiplas formas singulares.

Expressadas por serem teias: 3) de captura: que envolve profundamente os (as) insetos/pessoas se prendendo e fixando nas substâncias/texturas das teias saborosas; 1) de copula: servindo como ninho reprodutivo, donde amigos/pesquisadores nascem e renascem a todo tempo nesse tecer brincante. 2) de refúgio: uma casa para as aranhas, assim como o grupo é um espaço de encontros, de compartilhamentos, de acolhimento.

A minha pesquisa não tem um autor principal, é mistura, de mim, do César, de muitos amigos autores, de muitas crianças, professores (as), pesquisadores (as), infinitas experiências, com referências diretas e indiretas, além de uma infinidade de objetos e sujeitos que atravessaram e deixaram suas marcas pelo caminhar dessas pesquisa-experiências.

Então, realizá-la em algum molde, seria como mentir para mim mesma, pois não haveria um retrato de mim, dos meus sentimentos e do meu credo ali, eu precisava ir além, fazer um desvio e libertar meu caminhar e deixar as sensações me guiarem. Um ato de coragem deixar ser atravessado pelas experiências sensoriais, e neste trabalho faço um desafio a vocês de assim como eu, se colocarem a caminhar. Aos meus companheiros de caminhada nessa jornada, sei que não é fácil deixar um lugar seguro para ir de encontro ao desconhecido, mas esse é um convite a uma aventura pelo caminhar dançante, com diferentes rotas e sem um destino pré- definido onde as narrativas se entrelaçam, conectando-se pelas afetações, sentidos e se ramificando pelo entre, pelas fissuras.

Componente 2.1:

“[...] Seguindo em frente com fé e atenção continuo na missão, continuo por você e por mim. Porque quando a casa cai. Não dá pra fraquejar, quem é guerreiro. Tá ligado. Que guerreiro é assim. [...] O tempo passa e um dia a gente aprende. Hoje eu sei realmente o que faz a minha mente. Eu vi o tempo passar e pouca coisa mudar. Então tomei um caminho diferente. Tanta gente equivocada faz mau uso da palavra. Falam, falam o tempo todo, mas não tem nada a dizer. Mas eu tenho um santo forte, é incrível a minha sorte. Agradeço todo tempo ter encontrado você. O tempo é rei, a vida é uma lição. E um dia a gente cresce, e conhece nossa essência e ganha experiência. E aprende o que é raiz, então cria consciência [...]” (Senhor do tempo - Charlie Brown Jr)

Componente 2.2:



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Componente 2.3:

“A poesia está guardada nas palavras — é
tudo que eu sei. Meu fado é o de não saber
quase tudo

Sobre o nada eu tenho
profundidades. Não tenho
conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do
mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de
imbecil. Fiquei emocionado.

Sou fraco para elogios. ”

(Tratado geral das grandezas do ínfimo- Manoel de Barros, 2001)

3.Bloco temporariamente eterno

Na idade moderna, temos a sensação de que houve uma aceleração do tempo, de que muitas mudanças ocorrem no nosso dia a dia, entretanto o tempo continua o mesmo, o que acontece é que a produtividade nesse espaço-tempo aumenta cada vez mais, dando a impressão de que o tempo, às 24 horas do dia não são suficientes para realizar tantas atividades. Sendo assim, fomos sendo colocados em uma dimensão cronológica de tempo tendo raízes de um tempo hegemônico e contínuo que advém do trabalho nas manufaturas, este caracterizado por movimentos retilíneos, a quantificação do progresso, a produção cronometrada e os corpos domesticados.

Assegurando um ritmo repetitivo que ratifica e segue os rituais que são fixados em nosso calendário tendo a dimensão cíclica do tempo se fincando e fundindo com o tempo humano. Então mesmo com o passar dos séculos, vemos as semelhanças com a concepção da antiguidade grega sobre as dimensões temporais, principalmente a necessidade do ser humano em querer controlar e quantificar os instantes temporais.

Também na idade moderna, temos raízes de um tempo hegemônico e contínuo que advém do trabalho nas manufaturas, este caracterizado por movimento retilíneo, a quantificação do progresso, a produção cronometrada e os corpos domesticados.

Uma outra causalidade dessa concepção ocidental de tempo que somos colocados, é a alienação do sujeito em seu próprio tempo, ou melhor dizendo, por conta dessa violência opressora, o ser humano não é detentor de seu tempo, de seu corpo e de sua história, uma vez que “representa-se o tempo vivido mediante um conceito metafísico-geométrico (o ponto-instante inextenso) e então se procede como se este próprio conceito fosse o tempo real da experiência.” (AGAMBEN, 2005, p.107) A dimensão cronológica de tempo afeta também o jeito que olhamos para o desenvolvimento infantil, não por que a escola e suas práticas educacionais nos mostram visões de uma reprodução de mundo “x”, mas aliena os sujeitos por que desde a educação infantil, as

crianças são colocadas no tempo do capitalismo produtivo, seguindo o tempo cronológico, este que define os modos de pensar e ser das crianças, sendo imposto até em seus momentos de prazer, em seu descanso, no trabalho, ao brincar, na alimentação.

Trabalham então a evolução das aprendizagens e desenvolvimentos, afim de suprir as carências infantis durante o processo, se tornando um instrumento de poder, domesticando e disciplinando os corpos, em detrimento de uma série, uma idade, um espaço, modulando assim seus corpos e pensamentos para tornar a criança um ser completo e acabado.

Essas noções de desenvolvimento de progresso têm seus discursos embasados em verdades absolutas das psicologias desenvolvimentistas, com a intensão ao qual o adulto acredita ser o melhor para uma formação de sucesso. Assim, a sociedade projeta nas crianças suas inseguranças e utopias, visando uma maturação precoce que destrói, inferioriza e marginaliza a infância.

E a renúncia de conceitos modelados pelas ciências da natureza, abandonando uma cronologia temporal de antes e depois de algo ou alguém, uma vez que o sujeito desde criança, até em seu balbuciar, se comunica por diferentes linguagens que fazem parte de sua história, “por isso a história não pode ser o progresso contínuo da humanidade falante ao longo do tempo linear, mas é, na sua essência, intervalo, descontinuidade, epoché”. ” (AGAMBEN, 2005, p. 56)

Durante as pesquisas do grupo, foi possível perceber que as crianças rompem com o tempo cronológico imposto pelos adultos, experimentando outras espacialidades e temporalidades que são guiadas por suas próprias lógicas e modos de existência, é uma forma “[...] de resistência, de defesa contra o mundo adulto; ela elabora uma estratégia da qual traça as linhas[...]”(CAMARGO; LEITE, 2020 apud SCHEÉRER, 2009)

Elas invertem a lógica adulta do tempo escolar e esse tempo da infância sai de uma linearidade onde a duração dos momentos se embaralham entre os conceitos de temporalidade e carregam consigo intensidades e potencialidades que nenhuma palavra conseguiria

descrever a inundação de sentimentos vividos, mas o corpo não deixaria mentir.

Componente 3.1:

“Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou quando uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou quando infante. [...] (*Tempo – Manoel de Barros, 2006*)

Componente 3.2:



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Composto 3.3:

“Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo bem comportado. Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor. Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo [...] [...] Não quero mais saber do lirismo que não é libertação” (Poética - Manuel Bandeira, 1930)

4. Bloco fixo deslocado

Os adultos demarcam os espaços escolares, dividindo-os entre espaços de crianças e de adultos, onde cada um deve ficar no seu espaço. Sendo que apenas os adultos podem acessar todas as áreas escolares e as crianças são limitadas tanto por linguagens verbais e visuais quanto inconscientemente por ser um espaço nunca explorado e impregnado pelas relações de poderes

“[...] A criança, e não somente em ideia, mas no nível mesmo de sua sensibilidade, de seu corpo, está aberta para o mundo, enquanto o adulto se obstina a confiná-la.” (SCHÉRER, 2009, p.162).

Eles modulam os pensamentos e os corpos das crianças, aprisionando a infância. Podemos ver essa influência negativa sobre a criança, quando um dos pesquisadores do grupo observou e expressou seu sentimento dando um exemplo: “marcante para mim, são as grades presente por toda a escola da pesquisa, elas atravessam e influenciam na forma como as crianças e seus corpos ocupam, experienciam, locomovem-se, e apropriam-se do espaço.” (SILVA, 2020, p. 52)

O espaço estrutural ganha na experiência e na reflexão objetiva, a apropriação dessa experiência, seu aprofundamento, uma capacidade explicativa desse meio transformando, portanto ele em lugar. Ocorrem processos de apropriação, reinvenção e reprodução do espaço através de

suas explorações espaciais e também das subespacialidades do ambiente escolar.

A criança consegue fazer com que seus espaços e o dos adultos coexistam sem barreiras burocráticas e hierarquizadas, quebram com as funções pré- estabelecidas pelos adultos daquele lugar, elas ainda fazem um convite aos adultos para participarem de seus mapeamentos, de seus espaços, de suas brincadeiras, de seus registros.

E através de suas ações curiosas, ultrapassam os limites físicos e se transportam como em um faz de conta, para outro território, outro mundo, outro planeta, para além das nuvens e do chão. Assim como para Benjamin (1987), “as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas”, podemos ver nas imagens e filmagens a territorialização¹ dessas crianças, um espaço infante, heterotópico² que caminha, pula, rola pelos múltiplos espaços, criando, inventando, explorando outros espaços dentro do ambiente escolar.

Foi observado também que tanto as crianças quanto as paisagens são importantes para as narrativas infantins, e possuem seus destaques como personagens centrais. Paisagens dinâmicas que vão além do visual, possuem fluxos, são silenciosas, com volume ao máximo, tendo diferentes durações, que por mais que pareçam retratos estáticos são carregadas de movimentos, sentidos e realidades.

Assim, as crianças ao criarem utilizando a imaginação, brinquedos ou os efeitos e aplicativos dos tablets para construírem suas paisagens fílmicas³, exploram as espacialidades de uma forma que nos questiona se a realidade vivida por elas está no tempo presente ou a intensidade desse momento anula o tempo vigente? Ainda, o que está sendo apresentado nas imagens reflete a realidade presente ou a realidade criada e experienciada é a realidade sentida e enxergada por elas?

¹ Habitar o território com o corpo, se relacionando e se apropriando do espaço.

² Que apresenta heterotopia, são modos não-hegemônicos.

³ Uma geografia flexível que permite a relação entre o sensível e o real, deixando o simbólico conduzir uma nova abertura do espaço observado.

Composto 4.1:



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Composto 4.2:

“A inserção das câmeras numa creche altera todo o espaço, uma vez que cria uma nova rede de relações e negociações que antes não havia, ampliando as intensidades da vida ali vivida, tornando esse espaço algo mais vívido e aberto a devires imprevisos, radicalizando o conceito de espaço como eventualidade e o conceito de lugar como copresença de heterogêneos”. (Doreen Massey, 2008 apud Oliveira Jr. 2019)

Composto 4.3:



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

5. Bloco de recortes

Citando *Giorgio Agamben* (2012) acerca do cinema, para ele, “o espectador simultaneamente com os filmes se encontra em movimento ao realizar inconscientemente deslocamentos físicos e psíquicos durante a exposição”. Explicitando assim, a potência que as narrativas fílmicas possuem ao impulsionar uma mobilização corporal que carrega consigo sensações, impressões e afetações desencadeadas pelas imagens.

Ao observar os vídeos, eles obrigam ocultamente o sujeito a utilizar a presentificação e a atenção, pois é preciso através da liberdade prática, nos permitir ter uma abertura durante a travessia para que o vídeo alcance o telespectador e que neste contato recíproco, a afetação possa trazer uma autotransformação. A fim de fundamentar o posicionamento anterior em relação às experiências, compartilho uma frase de Larrosa (2002):

“Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.” (LARROSA, 2002, p. 24).

Levando esse pensamento em consideração, quando este se entrelaça com a temática infância, novas percepções de educação e do desenvolvimento da criança se revelam sob as lentes de olhares sensíveis advindos das experiências infantis

Cheios de provocações, podemos dizer que: nosso encontro com as crianças e com suas produções podem criar outras experiências com o tempo e com a educação? Criam outras temporalidades e outras espacialidades no campo educacional? Afinal, o que podem as imagens

produzidas pelas crianças nas suas relações com o tempo e com o espaço nos oferecer a pensar e nos comunicar sobre as práticas educativas com a criança?

Esse movimento também provoca a pensar além do padrão preestabelecido de tempo e das interpretações dos acontecimentos, indo na contramão de se chegar a conclusões e resoluções. É tencionar esse lugar seguro de conceitos e modos de agir, deixando a multiplicidade emergir das experiências:

“Na lógica da utopia, trata-se de fazer a crítica de um modelo instituído, propondo um outro modelo para substituí-lo. Lista de modelos. Contraposição absoluta, dialética que se processa por superação, que significa o apagamento do outro. Na lógica da heterotopia, trata-se de não criar modelos novos, mas simplesmente formas outras de fazer e de viver, no contexto mesmo daquele modelo instituído. Transformar o modelo micropoliticamente (microfisicamente, diria Foucault). Não uma crise de paradigmas e uma revolução paradigmática, mas transformações sintagmáticas, que processam novas conjunções e transformam o instituído de dentro, lentamente, sem criar um novo modelo, sem tê-lo predefinido. Experiência e criação passam a ser palavras-chave.” (GALLO, 2013, p. 86)

E nas pesquisas com produção de imagens por crianças, observa-se que, certos percursos são mapeados por sinuosidades, por deslocamentos tanto das crianças como do pesquisador, vemos emergir novos espaços nas e pelas imagens, espaços apresentados pelas crianças a partir dos olhares que exercitam nas produções imagéticas.

O que temos ainda é que nas imagens e nas experiências “infantis” das crianças rompemos nossos lugares demarcados e seguros, abrindo a perspectiva de outros espaços, outras espacialidades, diferentes dos já propostos nas práticas educativas com as crianças, pois é como se as crianças, longe das amarras pré-definidas pelos currículos, pelas teorias de desenvolvimento, nos perguntassem sobre elas mesmas e sobre os espaços e tempos que ocupam.

O devir-criança não segue o tempo cronológico de nossas histórias, mas cria outras temporalidades, sem se importar com modelos estáticos, é criação, resistência, pois, “devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou

futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias”. (DELEUZE; PARNET, 1988)

São imagens e filmagens curtas, longas, que narram histórias que ficam no suspense, são confusas, barulhentas, mastigadas, chacoalhantes, “estáticas” ou em movimento, todas essas experiências intensas habitam o universo infantil.

Sensações nauseantes, bagunçadas, alegres, melancólicas que transbordam pelos poros dos nossos corpos, com imagens que pelo estranhamento (do não sentido, da não representação), criam uma estranheiridade e plurisensorialidade com a infância, com a criança e em nós.

Composto 5.1:



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

6. Bloco dançante

Durante a investigação das produções infantis ocorre tanto um deslocamento das crianças como também do pesquisador, este que se

lança a experimentação e concede abertura a afetações.

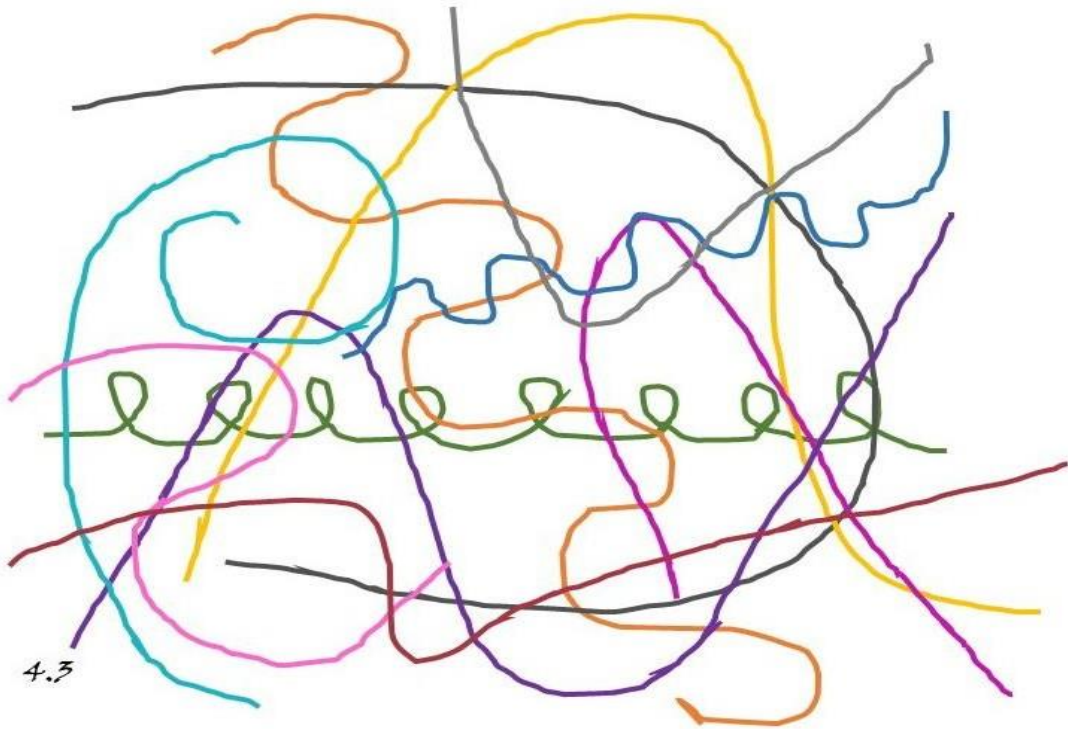
Convido você amigo, leitor, pesquisador a mergulhar no texto e realizar também uma abertura, caminhando e pensando em outros tempos, deixando se conduzir pelas experiências, “uma vez que —o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto, que não está preocupado em se por, em se opor, em se impor, ou em propor, ele simplesmente se põe a caminhar. (OLIVEIRA, 2015 apud LARROSA, 2002)

Poderemos perceber juntos as infinidades de caminhos percorridos durante nossa jornada sensorial, tendo marcas e sensações singulares, mas uma pluralidade artística infinita de potencialidades.

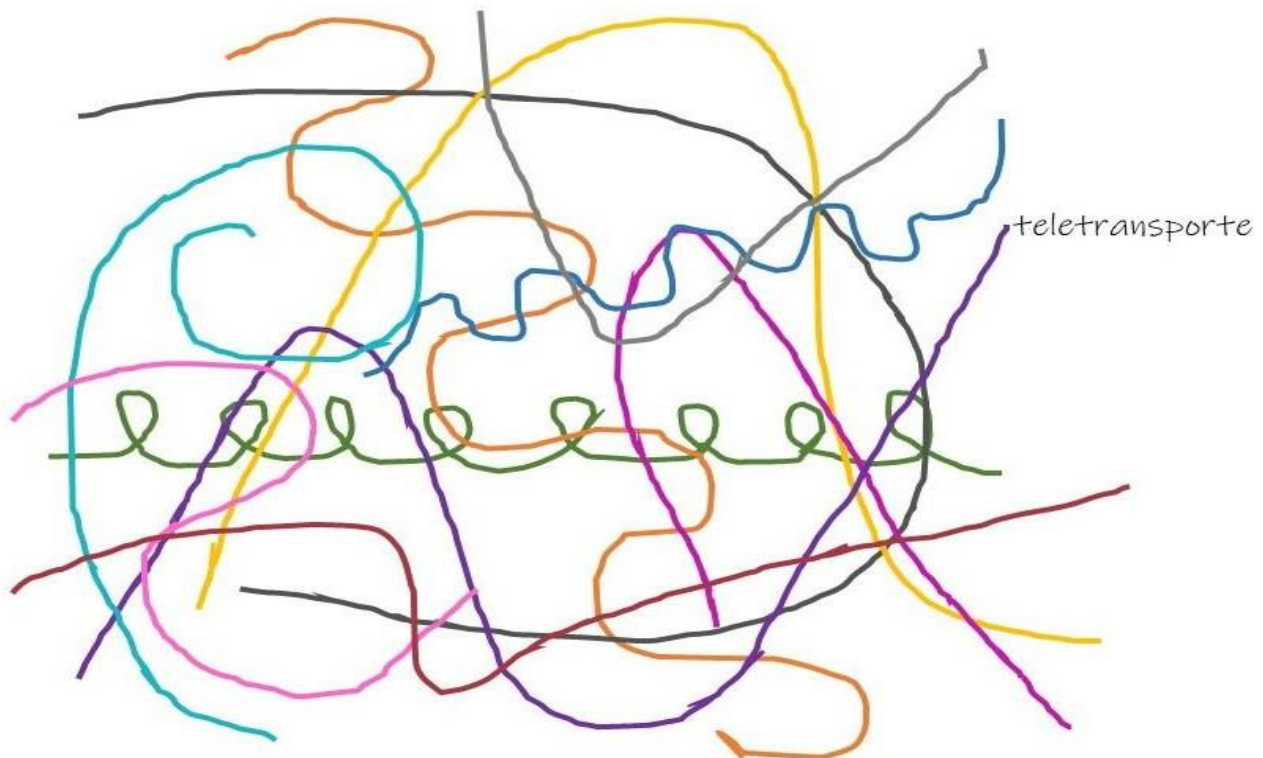
Teremos este espaço abaixo para nos deslocarmos mais uma vez sobre o texto, deixando seu eu dançante e apaixonado te guiar para uma ação brincante coletiva, criando e nomeando seu próprio bloco a partir das afetações que tiveram ao longo do texto, é “expor nossos limites e a nos expor aos limites”. (MASSCHELEIN, 2008, p. 40)

Na Figura 1, você colocará o numeral dos componentes (um número para cada cor) que mais os sensibilizaram ao longo do texto, caminhando por linhas tortas coloridas que levará o número ao seu correspondente na Figura 2, sendo completados ao final da linha por palavras, frases, poemas, música, desenhos, imagens, criando assim, um rizoma de sensações...

Bloco ?



(Figura 1)



(Figura 2)

7. Bloco dos despropósitos

Assim, as crianças ao se movimentarem e saborearem perguntam sobre elas mesmas e os espaços e tempos que ocupam, rompendo com lugares e práticas pré- definidas, emergindo outras temporalidades e espacialidades que vão na contramão de práticas homogêneas e identitárias e como essas temáticas se comunicam com as práticas educativas⁴ e o desenvolvimento infantil.

Elas invertem a lógica adulta do tempo escolar e esse tempo da infância sai de uma linearidade onde a duração dos momentos se embaralham e carregam consigo intensidades e potencialidades vividas, que são guiadas por suas próprias lógicas e modos de existência.

As pesquisas experiências são como produzir uma experiência com asexperiências infantis de crianças produzindo imagens; uma experiência a partir de olhares, imagens, cenas já apresentadas pelas crianças, ela entrelaça as temáticas de cinema e infância ao explorar o mundo infantil pelas lentes das crianças, estas que através de suas produções nos convidam ao movimento, de caminhar e pesquisar por linhas tortas, onduladas, em espiral que junto com os sentidos vão traçando e tecendo em diferentes direções, as experiências.

Com isso, esta pesquisa não tem por propósito encontrar respostas, mas sim instigar reflexões sobre o universo infantil pelo olhar da criança, que dada a potencialidade das produções imagéticas realizadas pelas crianças observamos traços que não se limitam a um ponto de início e fim, mas que transbordam pelas fissuras e apresentam desdobramentos desfocados, recortados, mastigados que nos instigam o olhar e nos provocam a pensar com as crianças e não pelas crianças ou para elas.

Ter contato com a pesquisa experiência com crianças, é sair mais bagunçados do que entramos, com novos olhares e adicionais de coragem, desencadeando em tempos tão sombrios, uma luz para

⁴ Ações intencionais por parte do(a) professor(a) visando a efetivação de seus objetivos estipulados, estas que se fundamentam sobre concepções do que é criança, infância e seu desenvolvimento.

continuarmos reexistindo!

Composto 6.1:

ColoquE pra fora
Olhe para seu refleXo interior
sente teu Peito gritando bem alto
deixando o silêncio dizEr tudo
enquanto mentiRas ecoam de sua boca
pois quer tanto acredltar
mas parE de se enganar
coNte a sua história
escute o som do seu Corpo
coragem crlança-grande
pois tudo o que precisAmos...
É nos reconectar
com nossa infância
com novas experiências
cheias de primeiras vezes...
(Autora “eu”)



(Fonte: Arquivo midiático do Grupo Imago)

Convite ao baile...



Referências

- AGAMBEN, G. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, G. **Ninfas**. São Paulo: Editora Hedra. 2012. BANDEIRA, M. **Libertinagem**. São Paulo: Global Editora, 2013.
- BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**. São Paulo: Editora Planeta, 2008. BARROS, M. de. **Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo**. São Paulo: Editora Record, 2001.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade**. Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência**. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.
- CAMARGO, A. R. O; LEITE, C. D. P. **Desaprender a cada tempo em tempos pandêmicos: crianças, artes e outros contágios**. Revista: Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1446-1464, dez./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CHISTÉ, B. S.; LEITE, C. D. P.; OLIVEIRA, L. P. de. **Devir-criança da Matemática: experimentações em uma pesquisa com imagens e infâncias**. Bolema [online]. 2015, vol.29, n.53, pp.1141-1161.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. (Coleção TRANS. Editora 34), vol. 1, p. 94, 1995.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **“Percepto, afecto e conceito”**. In O que é a filosofia?. Rio de Janeiro: Editora 34. 1992.
- DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1988.
- GALLO, S. **Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar**. In: TRANSVERSAL, G. Educação menor: conceitos e experimentações. Curitiba: 2013 GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Editora Sulina. 2014.

- KOHAN, W. **Um estrangeiro: entre a pedagogia e a educação; entre a polícia e a política. Infância, estrangeiridade e ignorância.** Belo Horizonte. MG; Autentica, 2007.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, [S.L.], n. 19, p. 20-28, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782002000100003>.
- LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, Experiência e Tempo.** São Paulo: Cultura Acadêmica. 2012.
- LEITE, C. D. P. **Blocos, infância e crianças: entre movimentos e ensaios brincantes.** Revista Digital do LAV –Santa Maria –vol. 14, n. 2, p. 321–336–mai./ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734865767>
- LEITE, C. D. P. **Cinema, Educação e Infância: Fronteiras entre Educação e Emancipação.** - Departamento de Historia y Filosofía de la Educación. Instituto de Educación. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Universidad de la República. Uruguai, v. 2, n. 7, 2013. Disponível em: <http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/146/156>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- LEITE, C. D. P.; CHISTÉ, B. **Imagens de crianças: travessias do universo infantil.** Educação (PUCRS. Impresso). v.38, p.272 - 279, 2015.
- LEITE, C. D. P.; OLIVEIRA, L. P. **Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos.** Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 12, n. 3, p. 134-152, set./dez.2019.
- MASSCHELEIN, J. **E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre.** Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-47, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6685>. Acesso em: 14 março 2018.
- MASSEI, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2008.
- OLIVEIRA, Luana Priscila de. **Relatórios de minorias com crianças e imagens: contornos de uma pesquisa margarida.** 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015
- OLIVEIRA JR., W. M. **A Infância da Cidade: o que podem imagens feitas por crianças pequenas para pensar a cidade?** Cadernos de

Pesquisa em Educação, v.21, n. 49, p. 04–21, 2019.

SANTOS, S. D. dos. **Imagens para des-focar: possibilidades de infância outras**. Rio Claro: 2012

SCHÉRER, R. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. BeloHorizonte: Autêntica Editora, 2009.

Senhor do tempo - Charlie Brown Jr - Álbum "Imunidade Musical" - Composição Heitor Gomes / Chorão — 2005

SILVA, Vinicius Marques. **Mapas imagéticos de experiências infantis: entre espaços, corpos e tempos** — Rio Claro, 2020